

Dossiê

Apresentação do Dossiê Cidade, Mídias, Memória e Cotidiano em Tempos de Pandemia

*Nara Maria Emanuelli Magalhães**

*Valdir Jose Morigi***

Este dossiê tem por objetivo refletir sobre o contexto de crise em decorrência da pandemia do novo coronavírus, em 2020. As recomendações sanitárias da Organização Mundial de Saúde (OMS) durante esse ano tiveram como foco principal o distanciamento físico, para evitar a propagação do vírus. Ou seja, a recomendação de “ficar em casa” era a única medida de segurança, até que uma vacina pudesse estar disponível.

O distanciamento físico trouxe enormes impactos na vida social, provocado pelo esvaziamento dos espaços públicos das cidades: aulas foram suspensas em escolas e Universidades, estabelecimentos comerciais, bares e restaurantes foram fechados, deslocamentos através de transporte público e por serviços de aplicativos diminuíram drasticamente, e a circulação de pessoas nas ruas, praças e parques foi desaconselhada. O impacto econômico foi imenso: queda da produção de setores inteiros que dependiam de circulação e concentração de pessoas. Além dos trans-

* Possui formação de Pós-Doutorado no Programa de Pós-Graduação Comunicação (PNPD-CAPES POSCOM/UFSM), Pós-Doutorado no Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social (PPGAS/UFRGS), Doutorado em Antropologia Social (PPGAS/UFSC), Mestrado em Antropologia Social (PPGAS/UFRGS), Graduação em Ciências Sociais (IFCH/UFRGS). Atua na UFRGS como Técnica em Assuntos Educacionais, na gestão e assessoria à gestão da educação superior, na área de avaliação institucional. Email: magalhaes.nara@gmail.com

** Professor titular da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação (FABICO) da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) e docente permanente dos Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação (PPGCIN) e do Programa de Pós-graduação e Museologia e Patrimônio (PPGMUSPA) – FABICO/UFRG). Pós-doutorado em Memória Social pela UNIRIO. Doutor em Sociologia pela Universidade de São Paulo (2001). Bolsista Produtividade em Pesquisa 2 CNPQ. Email: valdir.morigi@gmail.com

portes, comércio de rua, feiras, trabalhadores informais e do comércio ambulante, também os espaços de cultura e do lazer foram afetados, vendo-se subitamente sem público. Nesse cenário, de ineditismo das circunstâncias do acontecimento, houve a inauguração de um novo mundo, sem precedentes: novos modos de viver o cotidiano, novas maneiras de trabalhar, novas formas de consumir e de manter o sustento para setores inteiros da economia, necessidade de desenvolver novos projetos e aperfeiçoar mecanismos tecnológicos para viabilizar o trabalho remoto, formas novas de planejar, conceber e organizar o tempo, novos modos de convívio e novas sociabilidades foram sendo constituídas. Salientamos que, durante esse período, as mídias tiveram uma centralidade na sociedade, pois elas possibilitaram a produção e a circulação das informações em diferentes níveis. Em meio ao surto global do coronavírus, presenciamos a disseminação de *fake news*, mas também foram divulgadas informações pertinentes e importantes com a finalidade de manter a população informada e seguir os protocolos das autoridades em saúde.

Nesse panorama, emergem múltiplas narrativas sobre a pandemia que se replicam socialmente no imaginário e na memória social. Nas narrativas midiáticas, por exemplo, que incluem diversos dispositivos tecnológicos, a circulação de informações sobre a doença se amplificaram através de compartilhamentos nas redes sociais. Divulgação de informações que espalham o medo, pânico social e insegurança. Além disso, informações educativas de como se cuidar e métodos de evitar a propagação da doença neste período também apareceram. Outras criações e informações com caráter lúdico emergiram com força, demonstrando o grande potencial de criatividade e a importância do riso para enfrentar o enorme desafio (piadas, *memes*, charges entre outros).

Nesse contexto, o dossiê se propõe a trazer reflexões diante dos impactos e enormes desafios trazidos pela pandemia. Queremos contribuir e ampliar o debate, encontrando respostas a algumas questões, entre elas: Como se expressa a valorização do contro-

le social - é visto como negativo, positivo, perigoso, necessário? Como é visto e vivido o isolamento social em épocas de pandemia, nos espaços da cidade? Que políticas públicas precisam ser criadas (adotadas) nas cidades em tempos de pandemia social?

Carles Feixa, com “Uma geração viral? Adolescência e confinamento” nos ajuda a pensar sobre esse controle na vida dos jovens isolados em Barcelona, Espanha. Traz reflexões importantes sobre os significados, para os jovens, a respeito desse viver confinado durante a epidemia do novo coronavírus, e os significados de habitar, divertir-se e viver intergeracionalmente. Chama a atenção do leitor para algumas ideias centrais, como o rompimento das hierarquias nos aprendizados – entre pais e adolescentes, professores e adolescentes, por exemplo – de modo que todos passam a aprender com todos nesse novo contexto. Outra abordagem interessante é a respeito da “juventudefobia”, que leva as autoridades políticas e sanitárias a responsabilizar os jovens pela propagação do vírus, ao invés de propor políticas públicas que lhes permitam viver em segurança. Por fim, destaca a contribuição dos jovens para repensar as dicotomias que criamos entre *on* e *off line*, corpo e mente, contribuição essa que resulta em uma nova proposição para contemplar o vivido num espaço que agora pode ser considerado híbrido e que começa a ser denominado *onlife*.

Já o artigo de Ada Cristina Machado Silveira, Camila Hartmann e Bruno Kegler, intitulado “Pandemia x pandemônio: o cotidiano da periferia no noticiário”, discute a cobertura do cotidiano da periferia brasileira, considerando que esta pode ganhar uma dimensão ainda não explorada com o surgimento da pandemia de Covid-19. Considera que, diante da polarização política brasileira, a emergência sanitária permitiu à oposição cunhar a noção de pandemônio, como denominação aplicável as divergências na política pública de combate à pandemia. O artigo realiza uma análise empírica de matérias jornalísticas veiculadas on-line que exploram o (não) enfrentamento da pandemia na periferia bra-

sileira e, também, um estudo de postagens em plataformas de mídia social, os quais resultam no imaginário de caos aplicável à noticiabilidade da periferia metropolitana. Discute um assunto atual e de grande preocupação para as democracias contemporâneas: as *fake news*. Traz um aporte teórico bem fundamentado, com autores da Escola Crítica, colocando-os em diálogo com autores de referência atuais.

O artigo de Luciano Cardenes e Deise Lucy Montardo também aborda um cenário caótico na cidade de Manaus, desta vez tendo como foco a população indígena na cidade. O texto recupera relatos e descrição da atuação de associações e lideranças indígenas no enfrentamento da pandemia, trazendo também uma densa abordagem da literatura sobre a presença indígena na cidade de Manaus. A demonstração da presença indígena na cidade e a descrição das várias categorias utilizadas para pensá-la são fundamentais para a proposição de políticas públicas para esse público num contexto de enfrentamento a uma pandemia.

O Dossiê tem continuidade com artigos que se perguntam: como as tecnologias de informação e comunicação auxiliam diante dessa situação inédita? Que narrativas sobre a pandemia circularam e circulam nas redes? Que imaginários foram reeditados neste contexto?

Marina Leitão Damin e Alyne Fernanda Reis apresentam o artigo de intitulado “Da nostalgia ao futuro: o passado como memória afetiva da cidade na imaginação de um futuro pós-pandêmico”, aborda a cidade como um espaço de produção de memória, relacionando tempo, memória e nostalgia. As autoras identificam um possível ciclo de vida dos objetos digitais no Instagram, integrando a memória como vetor responsável pela sua mediação. O estudo foi realizado durante a pandemia de Covid-19, de março a julho de 2020, a partir das publicações da plataforma Instagram e dos filtros utilizados nas hashtag #tbtrj. A pesquisa demonstrou que nesse período as publicações com a #tbtrj re-

presentam os lugares de memória da cidade do Rio de Janeiro de forma nostálgica, ancorado na memória afetiva dos usuários sobre a cidade, ao mesmo tempo em que foi possível perceber a projeção de um novo imaginário sobre ela após a pandemia.

O artigo de Robson da Silva Braga, intitulado “A cidade-lar e o lar-cidade: conexões entre público e privado no uso de videoconferência para eventos artísticos, reuniões de trabalho e aniversários”, analisa o ambiente doméstico durante o isolamento social de combate à Covid-19, mostrando como este espaço teve destaque a partir dos usos das tecnologias de comunicação e informação. Percebeu-se a diluição das fronteiras entre a esfera privada e a esfera pública, a partir das reuniões remotas realizadas durante a pandemia. Elas ampliaram o processo de exposição da intimidade iniciado pelas redes sociais desde o princípio dos anos 2000. Assim, o estudo mostrou que o modo como os grupos sociais se utilizam das ferramentas de videoconferência, que possibilitaram as reuniões virtuais em substituição aos encontros presenciais realizados antes da quarentena na cidade de Fortaleza, tiveram plena aceitação e cada vez mais estão sendo incorporados à vida cotidiana dos cidadãos.

Em “Fetichismo da desinformação na web: uma pandemia agravada”, Rodrigo Silva Caxias de Sousa, Patrícia Valerim, Bruna Heller e Marcia Heloisa Tavares de Figueiredo Lima debatem os conceitos de desinformação e práticas informacionais, avizinhando-os da noção de semiformação cultural, a partir da abordagem da Teoria Crítica da Informação e da Comunicação. Os autores defendem que processos de comunicação acontecem conforme as práticas sociais de produção intencional de desinformação, de acordo com um circuito de produtividade que demanda do receptor/usuário, a responsabilidade pela checagem das informações. O estudo utiliza abordagem qualitativa, através de uma triangulação metodológica, que consistiu em observação espontânea, seguida de análise de conteúdo e interpretação hermenêutica de um corpus de 86 *fake news* do site do Ministério da

Saúde do Brasil. Desse universo, foram analisadas cinco notícias, as quais entram em contradição com o objetivo de esclarecer os cidadãos a respeito da pandemia, pois o governo brasileiro utilizou o site do Ministério da Saúde para veicular desinformação e violar o direito à informação.

Já o artigo “De las redes sociales a la mesa: La militancia del plato como nuevo hábito de consumo”, de Marina Poggi e Lucas Henrique Pinto, traz indagações, a partir do cenário da pandemia global Covid-19, sobre como os produtos agroecológicos tiveram maior visibilidade ao mesmo tempo em que se ampliou a discussão acerca da soberania alimentar. A expansão dos usos das redes sociais virtuais, aperfeiçoadas pelas tecnologias de informação e comunicação, revitalizadas pela web fez com que as redes sociais assumissem novas dinâmicas sociais, tomando diferentes formas e dimensões na vida cotidiana, inclusive na esfera pública virtual. O objetivo artigo foi mostrar como os hábitos de consumo alimentares pré-pandemia se alteraram durante a mesma. Tendo como instrumento de pesquisa o questionário, foi possível verificar como as pessoas realizaram as escolhas dos seus alimentos, considerando as possibilidades de acesso, conhecimento, etc. Os autores se apropriam dos conceitos de “agroecologia” e “periurbano”, para analisarem as práticas de consumo alimentar e o espaço estudado. A pesquisa centralizou no estudo de caso da cooperativa Pueblo a Pueblo, uma iniciativa de marketing que se recomenda o consumo alternativo de alimentos saudáveis, além da sua distribuição a um preço justo e compatível com o trabalho digno. Assim, se evidenciam as consequências dos usos das tecnologias de informação e comunicação (TICs), através da comunicação digital na sociedade, uma vez que a divulgação de informações sobre a origem e produção de alimentos nas redes sociais pode auxiliar na construção de novas condutas e práticas capazes de promover autonomia aos cidadãos. Esse elemento é fundamental na construção de vínculos sociais e de solidariedade, pois possibilita o empoderamento dos cidadãos. A escolha do

que eles colocam no prato para se alimentar fortalece a ideia da soberania alimentar.

Por fim, temos dois artigos que nos convidam a refletir a respeito do modo como as fontes de informações ajudam na inscrição de novas memórias no mundo que vivemos. Que novas memórias são construídas a partir dos desafios colocados pela pandemia, com o isolamento social? Que novas formas de inscrição essas memórias encontram? Como os sujeitos sociais criam novos significados para espaços públicos e privados, vivendo o isolamento social? Os dois últimos artigos deste dossiê nos ajudam a pensar em respostas a essas questões.

Um deles é o de Sonia Weidner Maluf, “Janelas sobre a Cidade Pandêmica”, que apresenta argumentos e cenários criativos para pensar o contexto de pandemia e desigualdade no Brasil, trazendo a ideia das janelas como metáfora analítica de observação e experiência em tempos de confinamento: janelas de casa, janelas das telas (de notícias e das redes sociais). Entre fragmentos de imagens e sons, manchetes e notícias, postagens nas redes sociais, a autora busca analisar os modos como diferentes populações urbanas foram atingidas pelo vírus, em termos de adoecimento e morte; os modos como o Estado, com seus diferentes aparatos, agentes, serviços, ao mesmo tempo que deveria se destinar a construir políticas da vida, insiste em práticas de soberania e em políticas da morte; e, por fim, os modos locais de lidar com a pandemia, as práticas de cuidado do outro e de si, que configuram formas de resistência, em bairros periféricos e comunidades de algumas capitais do país.

Já o artigo de Cora Gamarnik, Cecilia Vázquez e María Graciela Rodríguez, aborda através de imagens um evento bastante conhecido: o 24 de março na Argentina, seu significado político e as novas formas de registrá-lo e vivê-lo durante a pandemia. Em seu artigo, as autoras propõem uma reflexão acerca dos vínculos entre memória, imagens e cidade, a partir de uma seleção

de imagens que registraram o evento em 2020. Observam que nesse dia as cidades foram cobertas por cartazes caseiros e pequenos trabalhos artísticos fotografados por profissionais e amadores. Considerando a história dos lenços brancos das “Madres de la Plaza de Mayo”, que se tornaram símbolo de um movimento político, como uma ação pública e um sinal de identidade, de resistência e de reconhecimento. Destaca-se no 24 de março de 2020 a presença do lenço como uma marca, uma carga e uma proteção, através de um ensaio visual que permite vislumbrar múltiplas manifestações. Considerando um repertório de imagens como formas alternativas de exercitar a memória, as autoras propõem reflexões despertadas pela pandemia. As imagens selecionadas podem ser consideradas novas formas de registrar e manifestar uma memória, que podem vir a configurar novas memórias.

Desejamos a todos uma boa leitura!

Os organizadores.